Num. 331 Sabbado 24 de Outubro de 1914 Anno VII

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

A FAMOSA AVALANCHE RUSSA

O CZAR — Está tudo prompto ?

— Tudo, meu Soberano. Todavia é necessario alargar as fronteiras. Não ha espaço para nós passarmos.

Mysterio da Belleza

Que suave perfume esse teu corpo exhala !
Não és mulher : és flor ! a tua cutis fina,
Setinosa, ajasminada, as almas allucina.
Tão linda que o frescor d'algum mysterio falla...

Quanta inveja e despeito ás poderosas rala,
Essa tua belleza excelsa e perigrina...
Dizem, cheios de assombro : E' mulher e é menina.
Tal é a mocidade immensa que trescala !...

Riquissima de encantos, á falta de ouro, o ouro
Que a faria ostentar, sorriu-lhe o seu destino,
Dando-lhe em graças um colossal thesouro !

E o mysterio em fazer esse rosto divino,
Sem uma mancha só, as mãos desse anjo louro,
E' usar um sabão : — Sabão Aristolino !

A Belleza da Pelle e do Cabello não é hoje difficil a qualquer pessôa, pois, consegue-se a frescura da cutis, a fineza, a brandura e a elasticidade tão necessarias a pelle com uso diario e regular do **SABÃO ARISTOLINO**, que pelas suas virtudes curativas, feliz composição e pureza das substancias com que é feito, tornou-se o sabão querido e preferido.

Vidro . . . 2$000

Pensamentos

Extrahidos do caderno de memorias de uma mundana de espirito :

*

Em geral, é melhor ser amante de um prodigo do que de um avarento ; mas é sempre melhor ser esposa de um avarento do que de um prodigo.

*

Amar (verbo activo) — Pode ser classificado na cathegoria dos que se conjugam irregularmente.

*

Se um homem dér cem beijos n'uma mulher, ella que não se illuda : — apenas os dez primeiros são talvez inspirados por ella ; os restantes, elle os dá com o pensamento em outras mulheres que o sensibilisaram e que as circumstancias collocaram fóra do alcance do seu desejo.

*

Qualquer mulher, desde que seja bella, intelligente e insinuante, póde gabar-se de ser a causa da inimizade entre dois homens, pelo menos.

*

O maior mal do nosso sexo é ser composto na sua quasi totalidade de representantes que não sabem conservar o papel superior que os homens nos attribuem.

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS — ANNO....... 15$000 | SEMESTRE..... 8$000

NUMERO AVULSO — CAPITAL..... 300 Rs. | ESTADOS..... 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS — TELEPHONE N. 5341

N. 331 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 24 — OUTUBRO — 1914 — ANNO VII

EXPEDIENTE

Convidamos o Sr. José Antonio da Fonseca Junior a comparecer a esta redacção, afim de tratar de serviços de que se encarregou e explicar negocios que fez.

Esse cavalheiro, como já o declaramos reiteradas vezes, não é mais representante de *Careta*.

Vergonha de ser bom

Sahiamos do cinematographo. Assistiramos ao desenrolar de uma calamitosa tragedia épica. O meu companheiro, para mostrar que não tinha chorado, enxugava os olhos humidos, discorrendo :

— Estas cousas não me commovem. Um *bonito*, sim ; uma bella façanha ou um acto generoso, sim ; isso me faz chorar.

Separamo-nos. Comecei a evocar os esquecidos casos semelhantes.

Certa vez, deante da téla em que se desenrolava um doloroso drama verosimil, procurando vencer a minha crescente emoção, dirigi-me aos amigos que me acompanhavam :

— Estão chorando ?

Um d'elles, engenheiro experimentado nos arduos trabalhos da imprensa, contestou logo :

— Eu ? Eu sei que isso é mentira. Seria ridiculo chorar.

O outro, engenheiro especialista na lavorada construcção de magnificos poemas parnasianos, murmurou fracamente, numa dolente voz suspirosa :

— Não estou chorando.

Illuminou-se de prompto o salão. Enxugando as grossas lagrimas que lhe borbotavam dos olhos, escorrendo pelos bigodes, o jornalista dizia :

— Ando muito doente dos olhos. Quando os fixo em qualquer cousa, começo logo a lacrimejar. Não sei o que é isso.

O poeta, com a face tão molhada como se a tivesse debaixo de um chuveiro, explicava, reconhecendo a pequena dimensão do seu elegante lenço perfumado.

— Estou suando, que calor !

Os meus amigos tinham vergonha d'aquelle pranto em que se espelhava a nobreza de almas generosas.

Convencido de que as sombrias forças do mal superam as do bem, o homem começa a ter vergonha de ser bom, e se não consegue attingir á plena ferocidade, põe disformes mascaras hediondas nos sentimentos mais nobres.

Eu me revolto contra a absurda affirmação secular em que se escuda a futil crendice, e continúo a pensar que os bons, mesmo esmagados pelos desastres maiores, serão sempre felizes, emquanto os máos, embora lhes redoire a fronte o sol dos triumphos mais esplendidos, sempre serão desventurosos.

Não é preciso ser máo para vencer o mal ; quem se armar de maldade para combatel-o, estabelecerá condições de igualdade numa lucta em que tem superioridade.

O bem que espalha a perversidade em nome de sublimes principios elevados é uma forma brilhante e grosseira do mal.

Furioso e trovejante na sua gloria incomparavel, distribuindo a sua severa justiça perpetua, Jehovah despejou do céo para a terra os males e os consequentes castigos, e, enthronado por detraz das suas luminosas nuvens dardejantes, ficou sendo a perversidade divina.

Fazendo-se o dadivoso Deus das cousas agradaveis, Satan chegou a ser um bello typo de bondade humana, illude os corações que soffrem e requinta a alegria dos felizes.

Odeio o mal e acredito no bem, mas, despindo-me de fofas preoccupações dogmaticas e vendo as cousas com diaphana clareza insophismavel, concedo razão a quem se mascára de máo, — pois a bondade é um burro manso em cujo lombo os abusos se encarapitam.

LEAL DE SOUZA

Uma belleza morta

A Sra. Elsa Kruger, que falleceu em nossa capital, era um dos typos de belleza de nossa terra e possuia admiraveis predicados moraes.

BRASIL-ARGENTINA

Entre os consules de paizes amigos que exercem a sua actividade no Rio de Janeiro, merece um destaque especial o Sr. Carlos Lix Klett, consul geral da Republica Argentina. Esse cavalheiro distincto que durante nove annos conviveu entre nós, parte em breve para o seu paiz a conselhos medicos que desejam restabelecer a sua preciosa saúde, muito sacrificada pela sua fecunda tarefa.

Ascendem á cincoenta e cinco mil os volumes referentes ao Brasil enviados pelo Sr. Lix Klett ás bibliothecas argentinas.

Entre esse elevado contingente de trabalhos nacionaes, seguio tambem uma valiosa collecção dos Annaes do Parlamento do Brasil destinada ao Congresso Argentino.

Lamentando a proxima ausencia de um amigo que nos é tão util, apresentamos ao Sr. Lix Klett os nossos louvores e os protestos da nossa estima.

Perto de Longwy, passando revista ao regimento prussiano dos granadeiros do rei, que eram commandados pelo Principe Oscar, o Imperador Guilherme II disse :

«Saudo-vos e como vosso chefe vos agradeço. E' para mim motivo de especial agrado ver-nos em terreno conquistado. O regimento bateu-se como eu esperava e como se bateram nossos paes em 1870. A batalha de Virton fulgurará com lettras de ouro na historia da guerra. Devemos as nossas victorias ao velho Deus, que está comnosco.»

Depois dessa arenga, quando passava pela companhia de metralhadoras, o kaiser perguntou :

— Que percentagem de tiros em pleno foi a vossa ?

— Cento por cento, respondeu um granadeiro.

A *formação constitucional do Brasil* é uma obra notavel de Agenor de Roure, escriptor cujo nobre esforço pretendemos estudar brevemente.

O Sr. Faria de Alencar, cavalgando um Pegaso sem azas, levantou poeira no Parnaso e, sob o titulo de *Rumo ao mar*, escreveu uma duzia de pifios alexandrinos.

Não sabemos se o poetastro, pretendendo immortalisar as glorias de um notavel reorganisador, quiz adoptar para o seu poema o programma alencarino, mas é evidente que seguio as normas estheticas do lobo neptunino. Isso explica a obra : — o *Rumo ao mar* é uma ridicula obra de fancaria, o alexandrino em que a vasou o autor é bambo, molle e risivel, e o Sr. Faria de Alencar é um deploravel autor.

COLLEGIO MILITAR

Alumnos que terminam o curso em 1914

ESTADISTA MORTO

Phot. Huebner & Amaral

General Julio Roca, ex-presidente da Republica Argentina e partidario da politica de approximação Pan-americana, fallecido em Buenos-Ayres no dia 18 do corrente.

EXERCITO FRANCEZ

O generalissimo Joffre no campo das operações

Telegrammas da guerra

BERLIM, 23 (Agencia Wolff, sem fio nem pavio.)

As tropas imperiaes tomaram Toul, Verdun, Epinal, Besançon, Belfort e Paris, aprisionando o exercito alliado com 5 marechaes, 2 feld-marechaes, 1.142 generaes, 1.573 coroneis e 321.000 officiaes de outras graduações, 4 milhões de soldados, 500 mil canhões fóra as miudezas, e 300 mil bandeiras. Todo esse pessoal e material por ser muito grande foi deixado mesmo nas suas posições por absoluta impossibilidade de os conduzir para a Allemanha. Considera-se virtualmente terminada a guerra no continente desta parte. Os russos foram absolutamente derrotados e impellidos para a Siberia onde já devem ter chegado a estas horas, com o Czar á frente. Em Calais, Ostende, Dunkerque, Boulogne e outros logares estão sendo construidas pontes fluctuantes para o desembarque na Inglaterra. Os inglezes aterrados passaram-se em massa para a Irlanda e acredita-se que iniciado o ataque ás ilhas passem para a Groelandia de onde seguirão para o Canadá. A esquadra ingleza continúa engarrafada no oceano Atlantico. Reina grande enthusiasmo nesta capital.

VIENNA, 23 (A. Mericana.)

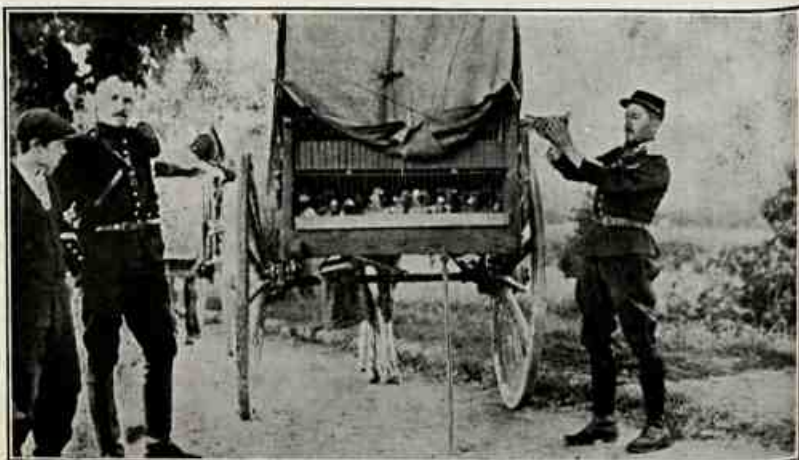
As tropas austriacas continuando sua marcha victoriosa occuparam hontem Buda Pesth reppellindo os hungaros para além do Danubio e os servios para além do Drina. Os montenegrinos refugiaram-se em Serajevo depois de completamente derrotados.

PARIS, 23, pela manhã (Agencia Ovas.)

Continúa a grande batalha. A ala direita progride tendo avançado 3 palmos desde o principio do mez; no centro não ha alteração tendo havido furiosos combates diurnos e nocturnos; á esquerda o movimento envolvente está sendo continuado no mar, com o auxilio de lanchas, por terem os allemães apavorados, chegado á costa.

BRUXELLAS, 23 (A. Mericana.)

A vida aqui e nas outras cidades occupadas pelas tropas do Kaiser tende a normalisar-se. Os belgas têm se applicado com fervor ao estudo do allemão parecendo que nos proximos exames serão todos approvados. O marechal Von der Goltz continúa a governar com muito acerto, sendo geral a satisfação do povo que aqui ficou. Não se registraram até agora mais nenhuns outros actos de barbaridade como os que commetteram os alliados incendiando Louvain, Termonde, Visé, Malines, etc., estando a população segura e confiante de que as tropas allemães não permittirão que os inimigos façam mais incursões semelhantes em nosso territorio neutro. (A commissão nomeada pelo governo allemão para relacionar as barbaridades commettidas pelas tropas anglo-franco-belgas.)

EXERCITO FRANCEZ

O serviço dos pombos-correios

Vida immortal

A' Mlle. Rosalina Coelho Lisbôa

Paira na terra morta o silencio absoluto.
Tudo morto: no espaço immenso a treva impera.
Não mais de um ramo pende uma flor, folha ou fruto
Nem pelo menos sobe haste de liana ou de hera.

Sobre a terra negreja — atro palio de luto
De uma noite sem termo, orphã de luz — a esphera.
A planta e o mineral, o ser pensante e o bruto
Rolaram do Nirvana a ampla e funda cratera.

Mas Pan, fitando os céos, monologa: — supponho
Inda um ruido escutar no silencio profundo,
Vislumbrar uma luz no barathro medonho!

Era o rumor de um beijo immortal e fecundo,
Era o eterno fulgir do castello do Sonho,
Erguido pelo Amor sobre as ruinas do mundo.

Bastos Tigre

De 1832 a 1891 emigraram da Inglaterra 14 milhões de habitantes. No mesmo periodo da Allemanha emigraram 5 milhões.

Licção de moral

Entre pae e filho, leiteiros ambos:

— Antonio, nunca se deve pregar mentiras. Enganar os outros é máo, mas mentir é peior ainda. Vês o que estou fazendo.

— Sim senhor. Deitando agua no leite.

— Estás enganado. Estava mas é deitando leite na agua. Se alguem te perguntar se deito agua no leite dirás sempre que não. Mentir é muito feio.

Ha uma cousa melhor que um dia atraz do outro: é o futuro — um dia na frente do outro.

QUASI UM HERÓE

— O' filha!... Quem é aquelle estafermo?
— E' um dos doutores de 60 mil reis.
— Coitado... Por mais dez mil reis elle bem podia ser uma das victimas de 70.

Diz o *Jornal do Commercio* que o de Paris conta:

«Este bravo, chama-se Moussa. E' ordenança dum general cuja galhardia e elegante figura todo o exercito conhece e que, ainda recentemente, combatia, com glorioso exito em Marrocos.

Moussa recebera ordem, um destes dias, de ir ter, com o automovel do seu chefe, pouco antes do anoitecer, a uma aldeia occupada pelas nossas guardas avançadas.

Ao montar a cavallo, o seu general (que o trouxe da Africa) tinha-lhe dito:

— Sê pontual, hein?

— Mim, respondeu Moussa, mesmo se quer chegar tarde, não póde!

Effectivamente, á hora marcada, lá estava. Quasi ao mesmo tempo, chegava o general. Moussa, saltando da boléa, radiante de alegria, exclamou:

— Meu general, vê! Mim faz guerra sósinho!

A caixa da limousine estava cheia de capotes militares, arreios, lanças...

— Mas onde foste tu arranjar isso? perguntou o general, espantado.

Então Moussa, risonho sempre, contou que, a certa distancia da aldeia, avistara, na estrada, a 300 ou 400 metros de distancia, quatro uhlanos, os quaes pareceram dispostos a interceptar-lhe a passagem.

— Mim tinha promettido chegar á hora. Mim não podia voltar para traz...

Parou, portanto, o automovel; e tomando a sua espingarda, tranquillamente, sem se apressar, abateu, um a um, os quatro uhlanos e em seguida as respectivas montarias. Depois tornou a pôr o automovel em marcha; mas, ao passar pelo lugar onde os uhlanos tinham cahido, como bom negro que não comprehende que, na guerra, seja prohibido o saque, tomou os capotes e armas dos soldados e os arreios dos cavallos e empilhou tudo no automovel.

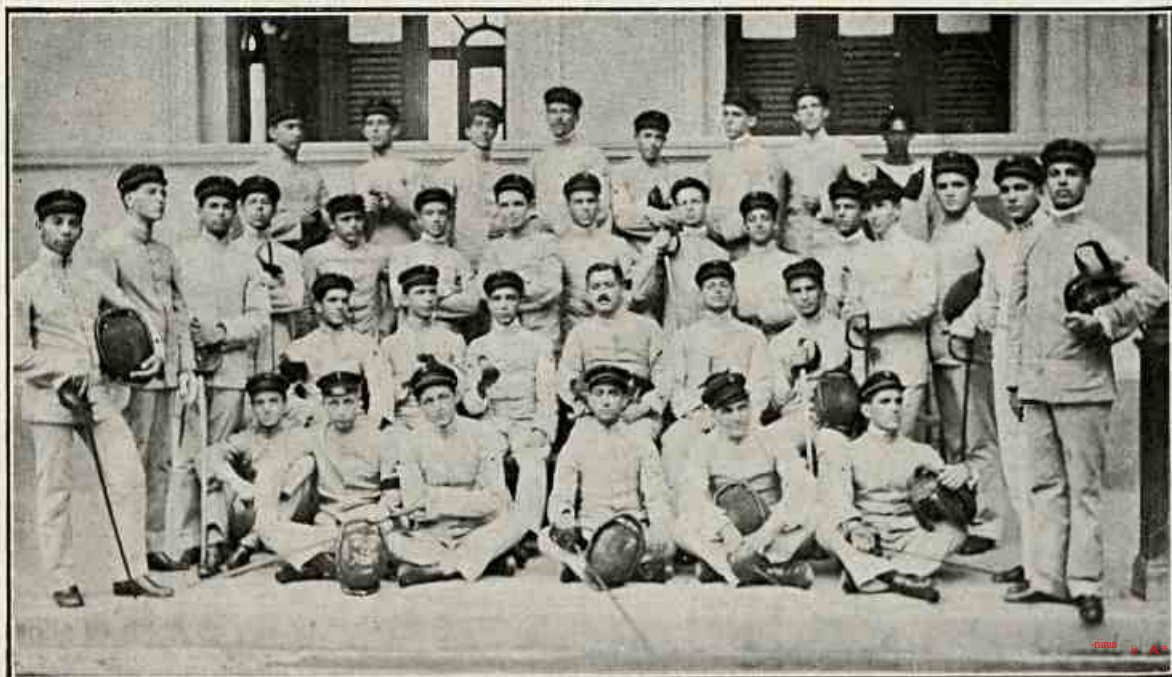
Acabada a narrativa, Moussa, a reluzir de satisfação, perguntou ao chefe:

— E tu, meu general, está contente com o negro?

E o general, sem outra resposta, apertou a mão do bravo senegalez.»

Mais uma festa de caridade acaba de alcançar a seleta concurrencia da sociedade carioca: a realisada a 14 do corrente no salão nobre do *Jornal do Commercio*, em beneficio das obras da Matriz do Engenho Velho.

Ella revestiu-se de grande brilho, pelo programma variado que apresentou. Depois de escolhidos numeros de musica, canto e recitativos diversos, seguiu-se uma conferencia do professor Eustorgio Wanderley, sobre *As creanças de hoje*, thema interessante que foi illustrado simultaneamente por tres caricaturistas conhecidos e por intelligentes alumnas do «*Instituto Beltrão.*»

Escola Naval

Os aspirantes que saíram guardas-marinha em 1914, na aula de esgrima, com o professor Capitão Jacob Nogueira

A VIDA ELEGANTE

Casamento da Sta. Risoleta Moura com o dr. Waldemar Bandeira

Organisação do cortejo nupcial

BELGICA

A defeza de Louvain

O telephone não presta...

O «seu» Manoel, vendeiro alli da esquina, disse-me ha dias que nem em Portugal, onde trabalhára durante a sua mocidade toda, tivera tanta sorte com os seus negocios, como tem tido neste bom, pacato e hospitaleiro Brasil, que Deus haja...

Dia a dia era tal o accrescimo de sua freguezia que até justára um «rapaz» e contractara um escrivão para os assentos... Isto era o proprio «seu» Manuel quem dizia sorrindo com certa dose de malicia e disfarçado contentamento.

De facto, a bodega do bom luzitano não tinha mais o aspecto sebento de outr'ora. Era hoje o assás afreguezado «Emporio do Minho» como bem o baptisára o seu proprietario e como melhor se lia em uma taboleta que, pendurada á porta servia tambem para fazer reclames do bacalháu e das sebollas que nella passavam o dia a seccar e a desafiar a imprudencia das moscas.

«Seu» Manoel havia traçado um programma de reformas para o seu «frege» e o ia executando á risca.

De minha parte, pensando poder ampliar o tal programma, em uma das vezes que estive no «Emporio do Minho» lembrei ao feliz vendeiro de mandar collocar tambem um telephone, cuja serventia em uma casa commercial é indiscutivel.

— Telephone ? Mas para que diabo me ha de servir um telephone ? — Perguntou logo o «seu» Manoel.

— Ora esta «seu» Manoel, retruquei eu, pois o Snr, que tem a maior freguezia do... mundo, já se pode dizer, certamente ha de ter uma grande parte della que mora muito distante, e mais outra que não dispõe de creados para vir ao «Emporio» fazer as compras do dia, e o telephone vem, nesse caso, resolver a questão mui satisfatoriamente : — é só mandar ligar para o «Grande Emporio do Minho» prin ! prin ! prin ! E de cá o «seu» Manoel toca a responder : — Alloh ! Quem falla ?... Prompto !...

— Oh ! que maravilha será então ? ! Replicou o vendeiro, estragando o curso normal da minha explicação.

E continuou ingenuo amigo do progresso : — Então o Alloh ! ha sempre de saber o que a freguezia está precisando ! Que sujeito experto !...

Para não complicar a questão, concordei que sim, mesmo tendo percebido que o meu amigo vendeiro não entendera patavina.

Decorridos alguns dias, passava eu despreoccupadamente pela frente do «Emporio do Minho» quando de lá de dentro, num *psiu!* prolongado alguem me chamou. Voltei. Olhando no interior da casa já estava o «seu» Manoel abrindo a portinhola do balcão para me encontrar. Sem ouvir a retribuição do meu bom-dia, entrei, e ouvi, entre outras coisas, as seguintes :

BELGICA

Os belgas em Louvain

— Ora Snr. Praxitelles ! Pra que n'havia o Snr. de pregar uma tal peça como foi a do telephone ? !... Aquillo é muito bom mas é para se arrumar p'las ventas de quem o inventou !

— Como assim ? Retruquei, apreciando tudo como exordio de uma novo calinada, no que, aliás, era fertil o «seu» Manoel.

— Pois sim senhor ! Continuou o vendeiro reformista, — mandei arrumar o bicho, e depois de tudo acabadinho, dei-lhe a manivella, prin ! prin ! prin ! para perguntar ao Alloh o que queria a freguezia, mais o commendador que tambem compra cá, e sabe o Snr. Praxitelles quem veio metter o bedelho na conversa ?

— Contendo o riso, respondi negativamente.

— Pois eu lhe conto que foi a malvada da Central, a Central da Policia que anda p'rahi explorando os pobres, vendo se percebe quem vendeu mais, p'ra lhe carregar com mais um impostosinho !... Pois mandei arrancar, o diabo e pintei os demonios com a tal Companhia !

Consultando o relogio, vi que ja estava quasi perdendo o ponto na repartição, eu disse apenas isto : — Perdoe-me «seu» Manoel, á tarde virei explicar o erro que o Snr. fez em mandar descollocar o telephone. E assim fallando, sahi apressado, deixando o pobre do «seu» Manoel pensando muito mal da minha intervenção em seus negocios.

Ja havia dado uns dez passos, quando ainda ouvi distintamente a voz grossa do lusitano :

— Qual telephone, qual nada ! Isso tudo é uma cumedeira ! Ora va ás favas mais a Central !...

CAMPOS ABREU

FOLK-LORE

Victorioso pela força
Ou da sorte por capricho,
Qualquer dos belligerantes
Perdia na guerra ao *bicho*.

JOTA

Conta facil

— Escute lá Juquinho. Hontem eu jantei na cidade, em um restaurant. Perto de mim, na mesa vizinha, jantavam dous pais e dous filhos. Pediram pratos simples, de modo que o jantar de cada um ficou em tres mil réis. Agora você que está estudando arithmetica, e que sabe sommar, me responda : quanto pagaram elles pelo jantar ?

— Ora, é muito facil responder.

— Pois pense e responda.

— E' o seguinte. Dous pais e dous filhos, a tres mil reis por cabeça, são 12$. Não é isso mesmo ?

— Não. Está errado. Elles pagaram nove mil reis apenas.

— Mas como dous pais e dous filhos, a 3$ por cabeça pode dar 9$?

— Do seguinte modo. Eram tres pessôas : pai, filho e neto. A 3$ cada um, são 9$.

Juquinha deu as mãos á palmatoria.

X

Liberdades poeticas

— A rosa, minha senhora, é uma flor cheia de delicioso symbolismo : Os seus espinhos são as dores que cruciam a existencia, o verde de suas folhas é o mesmo verde da esperança doce que nos ajuda a viver, o seu perfume é a saudade que evoca os remotos momentos que passamos felizes e a sua cor rubra... a sua cor rubra... é... é... Si fosse branca era a cor meiga da candida innocencia das criancinhas.

A colonia allemã da Asia

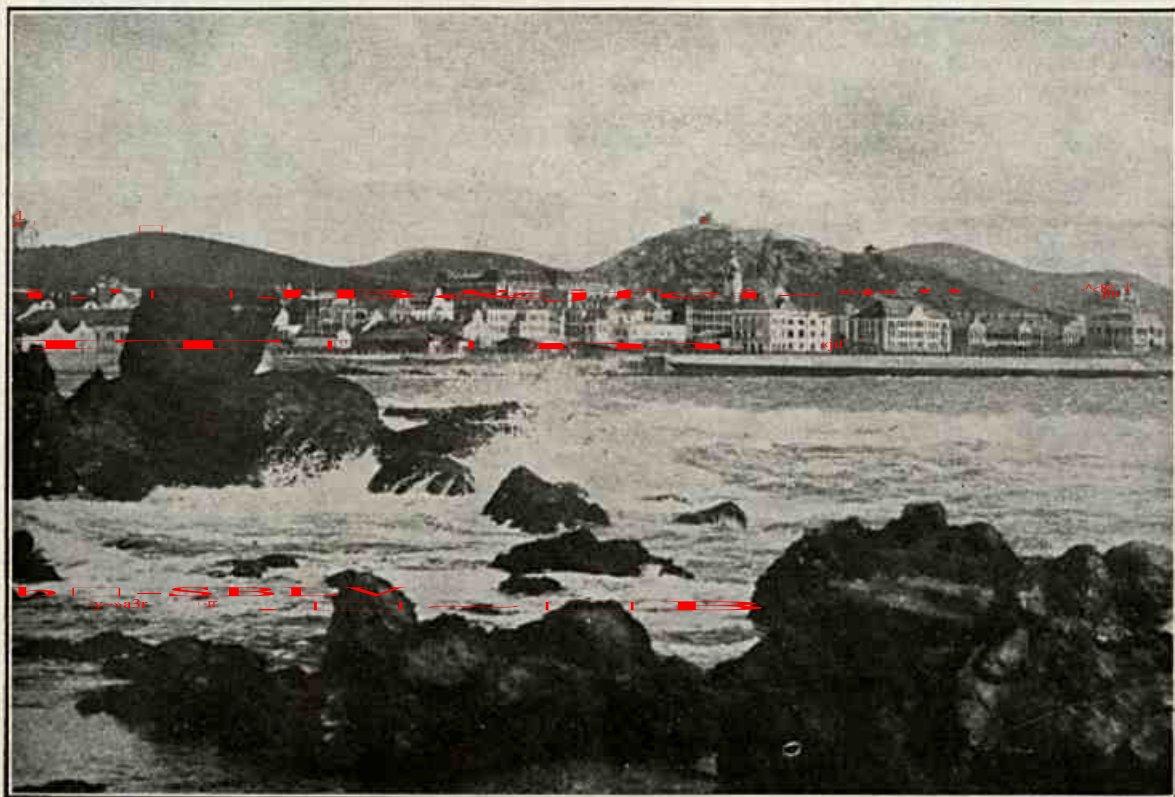
Os allemães estão escrevendo, no Oriente Asiatico, uma pagina de heroismo que os colloca, na historia militar, ao lado dos heroes que defenderam Liege, e entre os bravos que defendem Belgrado e Cattaro.

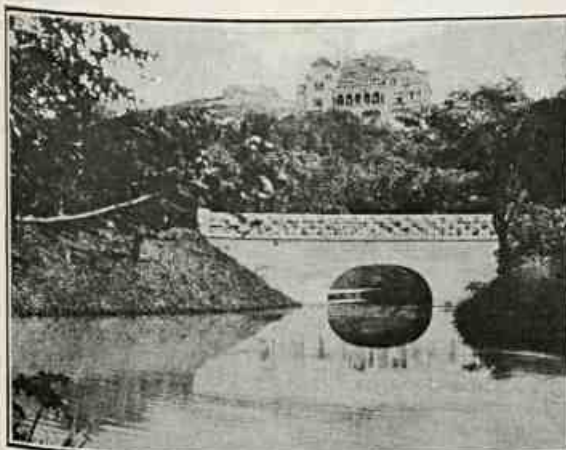
Quando os japonezes avançaram na direcção de Tsing-Táo, o governador dessa colonia dirigio um telegramma ao Imperador Guilherme, declarando que os allemães destacados em Tsing-Táo saberiam morrer de vagar e com gloria.

Esta promessa está sendo heroicamente cumprida. Os admiraveis exercitos nipponicos que venceram os baluartes carcinatados de Porto-Arthur e triumpharam em Mukden, as fortes esquadras que sahiram victoriosas de Tshuima, esbarram deante da até hontem ignorada colonia germanica da Asia.

Capitão de mar e guerra Alfredo Meyer Waldech, governador

De que forças dispõem os allemães na Asia? Não se sabe. Sabe-se, porêm, que ellas tem energia e valor para soffrer a arremettida disciplinada e terrivel dos soldados e dos marinheiros japonezes; sabe-se que ellas estão morrendo devagar e com gloria.

Em Tsing-Táo os allemães tinham dois aeroplanos. Um delles desappareceu nas nuvens, sem metaphora. Tendo sahido para fazer um reconhecimento, o aereonauta teuto foi atacado de tal modo por alguns aviões japonezes, que não poude regressar ao ponto de partida. A entregar-se ou deixar-se matar, o germanico preferio explorar o continente celeste e elevou o seu apparelho num vôo ousado, até desapparecer no céo.

Bahia e cidade de Tsing-Táo

A colonia allemã da Asia

Séde do governo, no alto

Vista parcial da cidade

Imparcialidade sobre a guerra

Ha quasi tres mezes que a péga dos titans está occupando e monopolisando a attenção do mundo. O papel já gasto em artigos e escriptos sobre a guerra se eleva certamente a centenas de milhares de toneladas. A tinta derramada sobre esse assumpto collossal se contará com certeza por milhares de barris. Tem havido nesta luta quasi tanta effusão de tinta como de sangue. Todas as questões ligadas a conflagração já têm sido abordadas, tratadas e exgottadas. Parece que nada mais se poderá dizer de novo a esse respeito. Não é exacto? Pois não é. Sobre a guerra já se disse tudo e mais alguma cousa. Falta porém ainda um artigo que eu tenho procurado embalde nos jornaes inglezes, francezes, italianos, da America do Norte e da Russia. Não; vou dizer a verdade. Eu não leio jornaes russos. Tenho motivos para isso. Mas na imprensa de todo o mundo ainda não vi, nem me constou que tivesse sido escripto o artigo a que me refiro, tratando a guerra com imparcialidade.

Pois esse artigo o vou fazer eu.

Para começar *al ovo*, pelo principio, é necessario responder a esta pergunta: Quem provocou a guerra? Foi o kaiser. Já não póde haver duvida. Resguardado atrás desta maxima idiota: *Si vis pacem para bellum*, Guilherme II se armou até os dentes, e esperou o momento de executar o seu objectivo. O mundo até agora era dominado pela Inglaterra. Em todos os continentes a Inglaterra impunha a sua vontade. O kaiser entendeu de tomar-lhe o bastão. A analyse e a apreciação desse objectivo é muito complicada. Todos os allemães e germanisantes desde o mais sabio «professor» até o ultimo trapeiro de Berlim, acham esse ideal justo, moralissimo e santo. Os inglezes unanimemente o consideram torpe e detestavel. A nós compete apenas achal-o natural. O kaiser armou-se e, aproveitando o pretexto do attentado de Sarajevo, atirou a Austria contra a Servia, isto é, contra a Russia. O plano era esmagar logo a França, depois vencer a Russia, e ir nesse meio tempo engambelando a Inglaterra, que receberia o golpe no fim, depois da Allemanha senhora do continente. A Inglaterra, muito viva, procurou logo um pretexto para entrar na dança. A Allemanha o deu: a invasão da Belgica. Fazer a invasão da Belgica, um crime, um attentado contra a civilisação, como exclamou a imprensa ingleza e franceza, é bobagem. Tratado é um pedaço de papel com varias clausulas e assignaturas. Fazer guerra, provocal-a, sim, é cousa barbara. Mas declarada a guerra, a Allemanha ou a França que se sujeitassem a prejudicar o exito da guerra, para respeitar o tratado de neutralidade da Belgica, fariam papel de idiotas. O desrespeito da neutralidade da Belgica, a invasão dos allemães foi pois um acto muito justificavel, desde que a Allemanha necessitava de fazel-o para o exito das suas operações militares. O que é medonho e repugnante é a crueldade, a atrocidade dos soldados allemães. São verdadeiros hunos modernos. O seu procedimento mostra que a Allemanha progrediu apenas materialmente. Moralmente é ainda barbara.

A Inglaterra, procurou justificar-se da intromissão na luta allegando a necessidade de defender a neutralidade da Belgica. E' uma razão infantil, em que ninguem acreditou. Ella entrou na campanha com medo apenas da victoria da Allemanha. E é preciso reconhecer que tem feito feio. A sua esquadra tem tomado umas bicoradas desmoralisadoras dos torpedos germanicos. E o seu exercito? Que é delle? Que é do tão fallado exercito das colonias? A França, sim, tem razão completa. Na liquidação das responsabilidades não lhe cabe nenhuma. Entrou na guerra provocada. Não teve culpa nenhuma. Mas fez a tolice de se atirar logo contra a Alsacia, perdendo tempo e prestigio no começo da campanha. Outra cousa que é necessario dizer, aqui á puridade, é que o exercito francez causou decepção a todos que o julgavam igual ao allemão.

O exercito allemão é invencivel. Até hoje elle não soffreu uma só derrota authentica. A batalha do Marne não foi para elles o desastre que os jornaes francezes e inglezes quizeram fazer crer. E a prova é a resistencia que se seguiu, e a batalha do Aisne. O exercito allemão é pois invencivel, mas ha de acabar ante dos exercitos alliados, porque a sua força numerica é muito menor. Assim a Allemanha acabará vencida, e será esmagada e anniquilada.

O mundo lucrará realmente com isso? Eis o que excede o objectivo que me impoz de escrever um artigo imparcial sobre a guerra. Ahi está elle.

P.

NA BELGICA

Uma belga dando um pedaço de pão a um couraceiro francez

O simile cisatlantico

A imprensa carioca encerrou a semana passada com um bonito gesto: concitando a de todos os paizes sul-americanos a trabalhar pela paz continental, assim como pelo desenvolvimento das relações commerciaes.

Disse um eminente escriptor nosso, Sylvio Romero, que o povo brazileiro tem tido por directores os politicos, os litteratos e os jornalistas, coexistindo essas tres qualidades ás vezes no mesmo individuo. De facto; e nada mais justo, portanto, do que pôrem-se os nossos homens da imprensa á frente de tão sympathica iniciativa, que é mais uma na série das que têm surgido em pról da approximação dos povos desta parte da America. No Uruguay já funccionam dous institutos, um universitario e outro postal, ambos fundados com o intuito de servir e melhorar as relações entre os paizes latino-americanos do sul.

Na verdade, as varias nações do continente vivem muito segregadas umas das outras e por motivos facilmente comprehensiveis, como a escassez da população e a falta de vias internacionaes de communicação. E, não obstante, não poucas vezes se têm visto essas nações na imminencia de conflictos armados; é que a raça irrequieta inventa pretextos, já que os não tem reaes, como a Europa.

Si ha paiz na America do Sul que deva vir a lucrar com a approximação que se procura promover — é o Brazil. Confinando com todos os outros, excepto dous (o Chile e o Equador), é claro que lhe convém tel-os por bons vizinhos, agora para viver socegado, mais tarde para lhe alimentarem a prosperidade. Por ora basta-nos vizinhar bem, porque, a não serem os contactos fortuitos das populações nativas, ninguem póde prevêr quantos lustros ou decennios se escoarão sem que o desdobramento das populações da peripheria para o sertão attinja os confins de Matto Grosso e a bacia do Orenoco.

Sob todos os aspectos, é-nos mais conhecida a Europa do que a America. E si isso se explica pelo facto de sermos *mudas* da Europa, sem embargo de outras influencias ethnicas, o conhecimento progressivo de nós mesmos está indicando a conveniencia de irmos olhando para *isto* com olhos mais attentos.

Foi, pois, um bonito gesto o da imprensa carioca.

Não ha negar, entretanto, que, si esmiuçarmos muito, veremos que elle tem um pouco do nosso vezo de olhar mais para fóra do que para dentro. A nossa mais palpitante necessidade não é evidentemente estreitar relações commerciaes com os outros

povos do continente nem evitar, reciprocamente, loucas despezas com extemporaneos armamentos. Dentro de casa ha muito que fazer, antes disso.

Andou uma vez pela Europa um diplomada chinez, meio philosopho, cujos ditos e attitudes transpuzeram mais de uma vez o Atlantico, pelo cabo e pelos jornaes. Esse diplomata, á medida que promovia o estreitamento das relações do Celeste Imperio com a Europa, ia dizendo cousas; e entre essas cousas disse o seguinte :

— No dia em que cada morador de uma rua resolvesse varrer a frente da sua casa, toda a rua, sem difficuldade, andaria limpa.

Ahi está, esboçado por um diplomata chinez, que não conhecia as nossas necessidades, um bom programma para a America do Sul.

Si nem tudo nos une, nada ha que ponha entre nós abismos insondaveis. Não temos inimigo commum a combater e rematada tolice seria combatermos uns aos outros.

Por emquanto o estreitamento demasiado das relações póde assumir certo aspecto de intromettimento. Para a quadrilha, que é uma dança collectiva, é bom que cada qual adquira primeiro, isolamento, certos conhecimentos choreographicos.

Não procuremos accescentar um artificio mais á nossa civilisazão já tão artificial. Não se passa impunemente, sem transição, do chapéu de couro para a cartola. E' imprudente transplantar para um continente novo, inculto, os habitos, as necessidades e os problemas de outro que tem caracteristicos oppostos. Pelo que nos diz respeito, cumpre termos em vista que a nossa vida está toda por organizar-se, a começar do ambiente domestico. Colonisação defeituosissima, factores ethnicos mal seleccionados, clima depauperante, escravidão, ahi está o passado contra o qual temos de reagir, aggravado pela escolha de um regimen inadaptavel. A montagem da nossa machina basta para nos absorver a actividade. Os nossos vizinhos talvez não sejam muito mais felizes.

Assim, que cada qual vá varrendo a frente da sua casa. Muito mais fará pelo bem commum do que cortejando e visitando os vizinhos.

J. G.

O ESTUDANTE PREVIDENTE

— Olhe, papai. Eu não vou mais ao collegio. "*Antigamente a escola era risonha e franca.*" Agora o *fessô* já disse que a capital da Belgica é Havre. Eu *tou* perdendo meu tempo.

EM HAELEN

No sitio por onde passou a carga de cavallaria

CONTO DO VIGARIO

De um dos nossos antigos companheiros, hoje um grave medico que mais cura das suas ditas que do humorismo que elle deixou chispar muito tempo nas columnas desta revista, se conta que vindo para o Rio a matricular-se na faculdade e procurando trabalho nas horas vagas, como já tivesse então propensões jornalisticas, cavou um logar de reporter em um jornal catholico de recente fundação. Commetteram-lhe funcções de reporter policial apezar do seu phoguismo. O Aristides (ai! que lá se foi o nome) na sua primeira perigrinação pelas delegacias não cavou nenhum dos crimes sensacionaes que descriptos em cores tragicas fazem a reputação de um profissional; dous ou tres mesquinhos ratoneiros dos quintaes burguezes e um burlão que lograra com um pacote de jornaes velhos illudir a boa fé de um honrado sitiante de Araruama ou Saquarema, senão de S. Rita da Meia Pataca, empalmando-lhe uns duzentos mil reis.

Mas o que não faz um reporter que se preza quando a sorte adversa lhe negaceia os casos sensacionaes?

O Aristides abancou-se á sua mesa, extendeu e alisou meia duzia de tiras virginaes, preparou a penna, examinou o fluidez da tinta e depois com todo o carinho bordou com aquelle savoir-faire tão seu uma columna inteira de commentarios sobre o singello facto que os outros jornaes certamente relegariam para o acervo dos *pequenos factos policiaes*. Nada. Tratava-se do seu futuro. Os directores da folha catholica ficariam conhecendo e apreciando o seu trabalho. Escreveu, escreveu e depois de relido com satisfação entregou o trabalho ao secretario da redacção, retirando-se para fazer jús ao descanso tão justamente adquirido. No dia seguinte o nosso amigo depois do café, correu á esquina e comprou um numero do *seu jornal*. Abriu-o, soffrego. La estava a noticia encimada em caracteres grossos, negros, brilhantes pelo titulo CONTO DO VIGARIO. Leu de um folego. Releu depois, vagarosamente. Sim senhor! Uma linda chronica policial. Os directores certamente elogiariam o seu trabalho... Vestiu-se de vagar; escovou-se meticulosamente. Tomou o seu bond e transportou-se á redacção. Entrou assim com um ar entre modesto e triumphante, a perquirir no rosto dos companheiros o effeito da *cousa*. Foi ao secretario que nada lhe disse.

Mas neste momento mesmo entrava o director em pessoa, como um furacão, o jornal amarrotado na mão, o chapéo quasi a fugir-lhe pelo *sinciput*.

E dirigindo-se ao secretario com a voz semi-embargada:

— Quem foi que escreveu isto aqui?

E apontava o artigo do Aristides.

Este teve um deslumbramento. Era a gloria, a consagração... Viu-se exaltado, com os ordenados triplicados (e sem auxilio das mutuas) a consideração dos companheiros...

Adiantou-se tremulo de emoção.

— Fui eu, senhor doutor.

— O senhor?

E o venerando director do venerando orgão catholico fulminou o novo reporter com um olhar colerico.

— Pois o senhor entra hontem para esta casa e logo o seu primeiro trabalho é um achincalhe á nossa Santa Religião?

— Eu? murmurou assombrado o Aristides.

— O senhor, sim. Ora faça-se de novas. Pois então á primeira noticia que o senhor traça para um jornal catholico, apostolico e romano dá o senhor o titulo de Conto do vigario? Tenha a bondade de passar pela caixa e fazer as suas contas.

E virou-lhe furibundamente as costas.

O Aristides succumbiu. Que tremendissima urucubaca!

*

Mas qual a origem dessa expressão *Conto do vigario* que serve para designar as operações aladroadas dos malandros da capital e de que são victimas quasi sempre os pobres matutos que vêm apreciar as delicias da nossa civilisação?

Um amigo meu, velho pesquizador dos nossos habitos deu-me a seguinte explicação que eu passo adeante sem curar de sua authenticidade.

Havia em uma das nossas cidadesinhas do interior, S. Paulo, Minas, ou Estado do Rio, não se sabe bem, um preto velho, conhecido como todo preto velho que se preza por «Pae João», de cuja honradez jamais pessoa alguma suspeitava.

Pae João de uma feita disse ao vigario, um santo velhinho que havia mais de 30 annos parochiava aquella freguezia.

— *Seu* vigario, Pae João tem um conto de réis junto com muito trabalho, para fazer uma casa. Mas Pae João tem medo que os ladrões furtem seu conto, de maneira que Pae João vae entregar esse dinheiro ao *seu* vigario para guardar.

— Pois não, Pae João, disse o vigario. Eu guardarei o dinheiro com toda a cautella e quando você quizer fazer a casa é só vir buscal-o.

— Sim sinhô. Pae João qualquer dia traz.

Deixando o vigario, Pae João foi andando pela cidade; a todos os conhecidos elle dizia que ia dar ao *seu* vigario para guardar um conto de réis que possuia para fazer uma casa. Repetiu a cousa centos de vezes, em todos os *negocios*, em todos os grupos, não só n'esse mas nos dias subsequentes. Quando se encontrava com o vigario dizia-lhe sempre: Qualquer dia destes *seu* vigario, o dinheiro vem.

E sempre o velho vigario respondia: «Quando você quizer, Pae João.»

Passaram-se uns tres mezes. Pae João deixára de falar no seu conto de réis. Começou porém a circular na cidade a noticia de que Pae João estava apreçando madeiras para a casa.

E um dia o vigario que estava á porta da casa com alguns amigos, todos sentados em circulo de cadeiras como se usa no interior, viu chegar Pae João, que tomou respeitosamente a bençam ao seu pastor. E logo um dos da roda perguntou:

— Então, Pae João, agora a casa vae?

— Vae sim sinhô, respondeu o preto com um largo sorriso a illuminar-lhe a retinta face. Pro móde isso memo é que eu vinha conversá um particulá com *seu* vigario.

— Póde fallar, Pae João, aqui são todos conhecidos.

O preto começou a enrolar o chapeu nas mãos, com os olhos no chão, como que hesitante.

— Então, Pae João, fale sem receio.

— Pois então, *seu* vigario, eu queria... Vosmecê sobe, eu vou fazê minha casa... então eu queria...

Hesitou de novo.

— Vamos, Pae João, desembuche, animou novamente o vigario.

— Eu queria que *seu* vigario me entregasse meu conto de réis.

O bom do velho vigario arregalou os olhos, espantado:

— Seu conto de réis, Pae João? Mas que conto de réis?

— Aquelle que eu dei ao *seu* vigario, para guardar.

— Mas você não me deu cousa alguma para guardar. Você na verdade disse-me varias vezes que me traria esse conto de réis, mas isso não passou de conversa.

O preto, sempre de olhos baixos, girava o chapéo nas mãos:

— Vosmecê está esquecido, *seu* vigario, mas eu lhe dei o dinheiro.

Os circumstantes começaram a entreolhar-se. O vigario ficou muito vermelho:

— Mas, Pae João, você está enganado. Você falou nisso muitas vezes até, mas nunca trauxe o tal conto.

— Trouxe, sim sinhô, *seu* vigario. Vosmecê é que não se alembra.

— Mas que teima, meu Deus! Já lhe disse que não trouxe.

O preto olhou então para toda a roda.

Todos o encaravam surprezos.

— Está bom, seu vigario. Vosmecê diz que eu não lhe entreguei meu dinheiro, esta bom. Pobre do Pae João é que fica sem casa.

E de cabeça baixa fez meia volta para retirar-se. Mas o vigario, incommodadissimo oppoz-se.

— Mas não é isso, homem! Que diabo de teimosia. Puxe pela memoria. Veja a quem deu o dinheiro a guardar. A mim é que não foi, mas preciso que fique bem claro. Que diabo, sou um homem velho e não quero que possam pensar...

— Não tem duvida, seu vigario, disse pae João, mansamente. Eu não dei o conto a vosmecê para guardar? Então esta dito. Pobre do preto veio é que fica sem casa.

E Pae João retirou-se, sempre de cabeça baixa, como que succumbindo ao peso do fardo de enorme infortunio.

A roda ficara silenciosa. O vigario sentára-se de novo e procurava explicar o caso. Mas um dos circumstantes levantou-se:

— Já vae ficando tarde.

— E' verdade.

— E' mesmo.

E levantavam-se todos. Despediram-se do vigario que ficou sosinho a pensar na teimosia do preto. Cada qual retirou-se para seu lado.

Mas noite alta toda a cidade commentava o caso. Dezenas de pessoas pensavam que Pae João em verdade entregara ao vigario o conto de réis. Testemunhas do facto eram muitas. O trabalho paciente de Pae João espalhando o caso por toda a parte surtira o desejado effeito. A convicção firme da cidade no dia seguinte era de que o vigario se negara a entregar o dinheiro que Pae João levara tantos annos a juntar para no fim da vida ter um tecto que o abrigasse. O respeito pelo parocho que tantos annos fazia zelava pela religião da cidadezinha ia-se aos poucos diluindo. Todo um passado de immaculada honradez não bastava para dissipar a penosa impressão causada pelo facto.

E a cousa foi augmentando de tal sorte que um solicitador da terra, suspeito de maçonismo, que nunca era visto nas missas, procurou Pae João e propoz-se a accionar o vigario. Pae João fingiu relutar ao principio o que mais sympathias lhe attrahiu ainda. E o solicitador começou a mover a acção contra o vigario para restituir o conto de réis a Pae João.

Ora aconteceu que na cidade havia um velho e honrado negociante portuguez, provedor da irmandade local, apatacado e muito amigo do vigario.

Vendo o aspecto que tomavam as cousas resolveu intervir em favor do parocho.

E quando foi a audiencia para a propositura da acção, quando foi apregoada a causa de Pae João contra o vigario, elle adiantou-se para o juiz e disse:

— Sr. Juiz ha um grave equivoco em tudo isso. Está claro e ninguem póde negar que Pae João tinha um conto de réis para fazer sua casa. Toda a cidade sabe disso com certeza. Elle foi pedir esse dinheiro ao nosso bom e honrado vigaro dizendo que lh'o déra para guardar. O nosso vigario porém, de cuja honradez ninguem suspeita (*rumores na assistencia*) declarou nada haver recebido de Pae João em deposito. E' a pura verdade, senhor juiz (*rumores insistentes*), porque o conto de réis de Pae João não foi entregue ao senhor vigario para guardar e sim a este seu creado (*exclamação*.) Pae João está velho, e por isso meio esquecido. O conto de réis delle aqui está, e diante do senhor juiz e diante de todas essas pessoas faço-lhe entrega delle. Conte, Pae João.

O preto pegou no pacote e contou vagarosamente. Depois voltando-se para o velho portuguez:

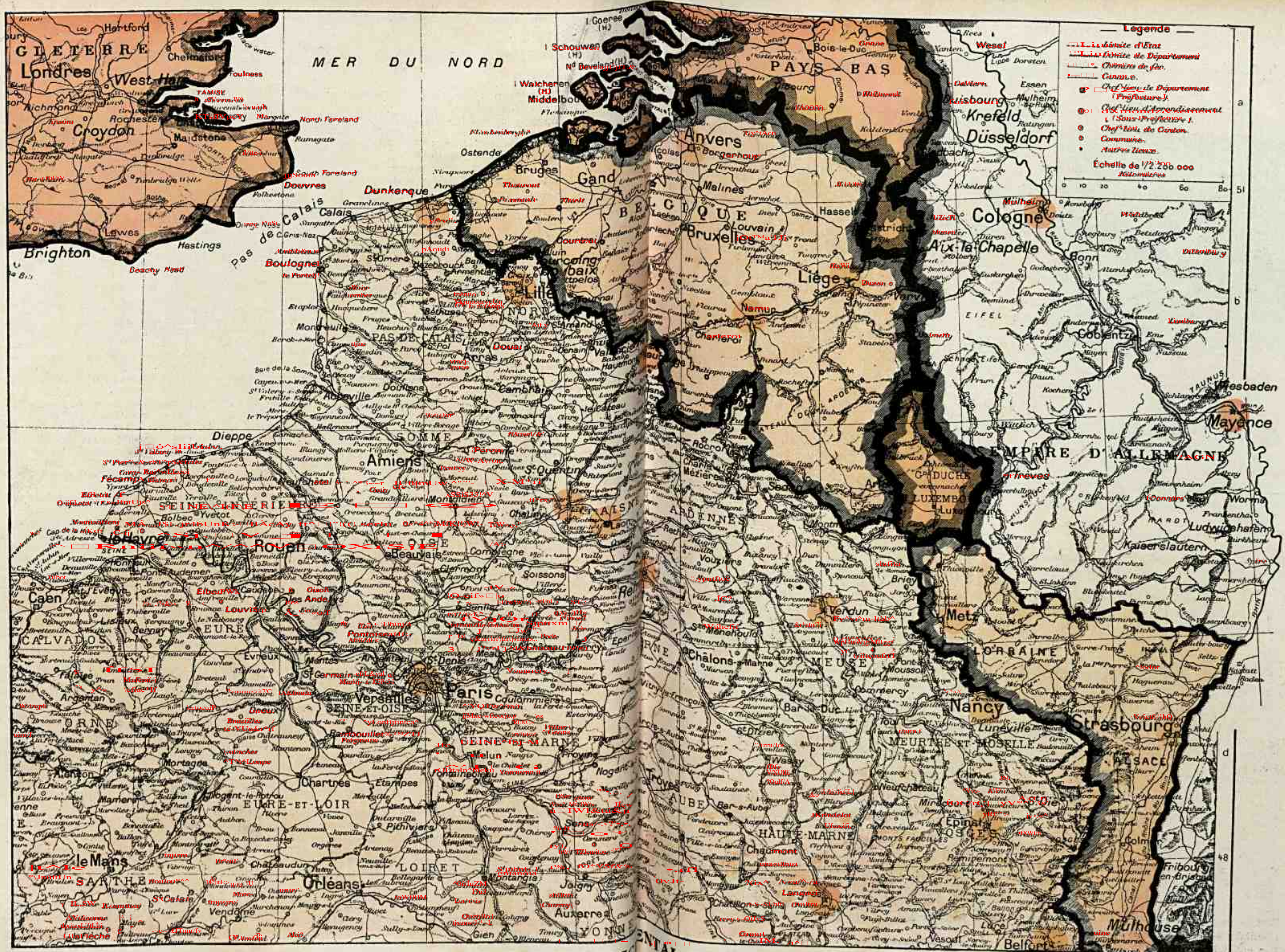
— Tá certo, sim sinhô...

— Então...

O juiz interpellou Pae João.

— Você reconhece Pae João, que esse é o conto de réis que você affirmava ter dado a guardar ao senhor vigario?

E pae João, embolsando o arame:

— Eh! Eh! *seu* doutô! Esse conto de réis era outro. O do *seu* vigario inda tá com elle mesmo.

X. P. T. O.

O THEATRO OCCIDENTAL DA GUERRA

Indica praças entrincheiradas.

Exercito allemão

Distribuição de café

Dialogos da época

— Então os córtes para o anno vão ser medonhos, hein ?

— Que remedio, si a receita tem diminuido assustadoramente !

— Mas então o unico remedio é reduzir a despeza ? Não se póde augmentar a receita ?

— Qual, meu amigo, a capacidade tributaria do contribuinte...

— Já sei, está esgotada. Isso é velho.

— E tem você alguma cousa para pôr no logar ?

— Sem duvida. O que me parece é haver incapacidade tributaria do contribuinte.

*

— Um bom symptoma : mais de um Estado tem mandado estudar por professores seus a organisação do ensino em São Paulo.

— E' exacto. Creio até que um delles pediu a São Paulo uma missão.

— De modo que já nos vamos arranjando com a prata de casa...

— Já vai sendo tempo. E por fallar nisso, ha um Estado ao qual se póde pedir missões financeiras.

— Qual é ?

— Pernambuco.

— Quem o diria, hein ?

*

— Lêste o que disse o Medeiros sobre o espanto que causam em Paris as noticias dos nossos jornaes sobre a guerra ?

— Li.

— E como te tens conduzido depois disso ?

— Continúo a ler sofregamente os telegrammas.

— Ora essa ! Mesmo sabendo que são falsos ?

— Sem duvida. A gente não póde deixar de interessar-se pela guerra, e esperar pela historia não só é muito demorado como tambem a historia nem sempre é mais verdadeira do que os telegrammas.

*

— Perdeu a Italia dous varões conspicuos.

— E' verdade : o Ferrata e o San Giuliano.

— Allemanha ha de achar que é castigo pela neutralidade.

— Muito mais de dous poderia a Italia perder quebrando-a. Faz ella muito bem em estar comendo quietinha o seu macarrão, que com chopp não vai.

*

— Que differença entre as condições da defesa militar hoje e na idade média !

— E' verdade. Os senhores feudaes hoje teriam de construir castellos no ar.

*

— As cousas no Chile tambem não andam bôas ; já o presidente abriu mão de 30.000 e os ministros de 6.000 pesos cada um.

— Sim ; mas isso para elles deve tambem ter angariado muita popularidade.

— Sem duvida. Mas o interessante é que elles largaram os pesos e a nação foi que ficou alliviada.

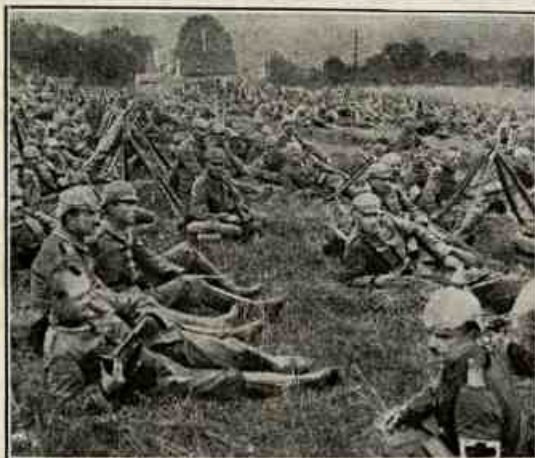
*

— Estamos novamente em época de grande naturalisação.

— Como assim ?

— Pois você não vê que todos os generos agora são oriundos dos paizes belligerantes, inclusive o café e a banana ?

IGNOTUS

Exercito allemão

Descanço em terras inimigas

REGATAS

O vencedor do campeonato brasileiro do remo.

O vencedor da prova classica Jardim Botanico

A Revolução

III

Era n'aquella tarde que os emissarios deviam voltar. E a tarde passou-se e elles não voltaram.

Dos chefes da conspiração, reunidos na livraria da Zebra, o mais afflicto era o Quaty. Passeava de um lado para o outro, a chupar o seu cigarrinho apagado, com uma ruga na testa, calado. Afinal voltou-se para os companheiros:

— Que dizem vocês dessa demora ?

Foi o Besouro que falou. Que o compadre Quaty tivesse calma e não fosse tão nervoso ! A demora era natural, um atraso de viagem, uma coisa qualquer. Nem tudo se podia fazer com a precisão de um relogio.

A Aranha foi de opinião que a demora era de bom augurio.

— De bom augurio ? fez o Quaty.

— Sim, confirmou ella. Se elles não tivessem conseguido a adhesão do Homem já estavam aqui para nos dar a má noticia. Si se conservam lá é porque as coisas estão correndo bem.

No outro dia os emissarios não voltaram. O Quaty tornou a manifestar a sua inquietação.

O Macaco procurou acalmal-o :

— Você está insuportavel com essa afflicção descabida. Se elles não voltaram é, como diz a comadre Aranha, porque tudo vae bem.

E entrou em considerações ajuisadas. Uma revolução, principalmente uma revolução para pôr um regimem abaixo, não se fazia somente com palavras. Era preciso a acção. Os emissarios estavam agindo. Naturalmente o Homem estava a reunir os seus elementos.

— Pensa você que o Homem seja capaz de fazer as coisas precipitadamente ? Não. E' um animal reflectido, que só se mette na dansa quando está forte e tem a certeza de vencer.

— E se elle não quizer collocar-se ao nosso lado ? arriscou o Quaty.

Os revolucionarios sorriram. Que idéa aquella ! Pois então o Homem ia deixar de estar ao lado de um movimento que tinha por fim derribar o Leão ? ! Pois se entre os dois existia um odio de sangue, um odio de morte !

O outro dia passou-se e não houve noticias dos emissarios.

O Quaty não dava palavra, roendo as unhas, abatido.

A Zebra fez tudo para serenal-o :

— Isso é assim mesmo, compadre, não se faz obra perfeita do pé pra mão.

Mas o chefe revolucionario estava desolado. Pois se já nem podia sair á rua ! Era parar aqui, parar ali, parar acolá, porque todos o chamavam para saber se os emissarios tinham chegado e que novas traziam.

O Cameleão entrou na livraria. Vinha saber noticias e trazer adhesões de novos bichos. Foi tambem de opinião que a tardança dos emissarios era de bom augurio.

— E' que o Homem está a preparar os seus armamentos, disse. Vae ser uma carnificina tremenda.

E que fosse ! Elle Cameleão, não tinha pena. Não suportava o throno de maneira nenhuma. Era um odio expontaneo, innato que elle proprio não sabia explicar. Preferia morrer a ter um dia que mudar de idéa.

Houve um zumbir de azas. Era o Besouro que entrava apressadamente, gritando :

— Minhas alviçaras ! minhas alviçaras !

Os bichos cercaram-n'o. Que era ? Falasse ! Que era ?

— O Gato que vem alli, no caminho.

Foi um alegrão.

— Sosinho ? indagou o Quaty.

— Sosinho, confirmou o Besouro. Os outros naturalmente ficaram lá confabulando. Elle veiu na frente para nos dar noticias.

Vieram todos para a porta. O Gato, correndo, correndo, veiu entrando, numa violencia de raio, esbaforido, os olhos esgaseados, tonto. O Quaty estendeu os braços.

— Posso abraçal-o, compadre ?

Elle não podia falar. Tinha de fóra dois palmos de lingua.

Os camaradas cercaram-n'o. Que havia sido ? Contasse ! Que havia sido ?

A Zebra correu a buscar um copo d'agua nos fundos da livraria.

— Beba, compadre, beba, descanse !

O Gato bebeu de um trago. Afinal despejou. Uma desgraça ! uma enorme desgraça !

E contou :

— Imaginem vocês que, mal entrámos na casa do Homem, elle fechou a porta. Não tivemos tempo de falar. Elle que tinha uma faca na mão foi agarrando o Gallo e cortando-lhe o pescoço.

Que horror ! O Quaty estava estatelado, de olhos a chispar fóra das orbitas.

O Gato continuou :

— Depois avançou para o Carneiro e sangrou-o.

O Macaco limpou uma lagrima. Coitado do Carneiro, tão manso, tão bom !

— Posso affirmar a vocês, concluiu o Gato, que elle morreu como um heróe. Não deu um gemido.

— E o Boi ? perguntou o Scorpião.

O Gato deu um suspiro :

— A esta hora já deve estar morto. O Homem laçou-o e pôl-o no moirão. Pelo que ouvi hoje iam mandal-o desta para melhor.

Foi uma desolação nos animaes. Estava abortada a revolução ! Que ia ser dos conspiradores, que ia ser do malsinado povo do Reino da Bicharia ? !

— E você, compadre, perguntou a Aranha, como poude salvar-se ?

— Fugindo. Escapulindo pelo telhado. A falar a verdade, o Homem não se incommodou commigo. Elle não gosta de carne dos Gatos. Só nos come com prazer quando nos tomam por Lebres.

O Quaty caiu n'uma cadeira, derreado. O Macaco silencioso, tinha no rosto a expressão de uma carêta afflicta.

Todos os bichos ficaram mudos e tristes.

Que ia ser delles, se já rumores de conspiração haviam chegado aos ouvidos da côrte ! ?

Nesse momento um som desperto de clarim encheu a rua.

Ergueram-se todos, correndo á porta. Era o rei Leão que passava no seu grande carro doirado, cheio de plumas e brilhos. Os revolucionarios quizeram esconder-se, mas não puderam, o carro estava parado bem defronte delles, o rei a olhal-os com o seu olhar de magestade. Insensivelmente descobriram-se.

O Camaleão mudou subitamente de côr. E empurrando os companheiros, brandiu o chapéo no ar, num brado estrondante :

— Viva o rei !

Os outros bichos tiveram impetos de o estrangular, mas os olhos do rei continuavam insistentemente cravados nelles, e, como que tocados por um só impulso, levantaram todos o chapéo no ar, gritando :

— Viva

FIM

(Da «Arca de Noé»). VIRIATO CORREIA

FAKIRISMO

No pavor bem fundado da insolvencia,
Vamos os nossos gastos encurtar,
Tristemente o digamos : apezar
De no solo pisarmos a opulencia.

Mas, queridos amigos, a indolencia,
Que me retem aqui a escrevinhar
E a vós talvez a ler e a commentar
Do corta-corta a rigida inclemencia ?

Póde bem ser que a geração vindoura
Deseje e faça qualquer cousa mais
Que do destino vêr girar a roda ;

Quanto a nós, não temamos a tezoura,
Porque, como sabiam nossos pais,
Ao crescimento da mais força a póda.

Jean Grimace

O principe Ernesto da Saxonia Miningem tinha desenove annos de idade e morreu na tomada de Maubeuge, deixando o seguinte bilhete :

« Si eu cahir no campo em defeza da honra allemã, não me sepultem no tumulo principesco, mas em commum com os meus valorosos soldados, e sob uma simples cruz.»

O desejo do principe foi satisfeito.

Acaba de sahir do prélo, devidida em dois volumes, a obra que Mario Guedes deu o titulo de *Os Seringaes* e sobre o qual teremos occasião de fallar.

Felix Pacheco, o admiravel poeta que é um dos ornamentos literarios da Academia de Letras, publicou, em edição definitiva, a brilhante collecção de suas *Poesias*.

Em nosso primeiro numero, teremos o prazer de conversar mais amplamente com os nossos leitores sobre o livro do illustre poeta.

UM RECEM-VINDO

— Eu vi!... Com esses olhos que a terra ha de comer!... Em uma rua de Liège, numa das sargetas tintas de sangue... quatro mãos decepadas !...
— Que brutalidade !... Pobre quadrumano !

Escreve-nos o correspondente de *Careta* junto ao exercito allemão :

«Depois da retirada de Apremont, tive occasião de verificar quanto os soldados allemães estimam e obedecem o kaiser. Passava o Imperador por entre os soldados mortos na ultima batalha travada na Belgica, quando foi informado que as suas linhas recuavam em França. Sem um minuto de hesitação, Guilherme II falou : «Meus soldados, as minhas tropas recuam na linha do Aisne. E' preciso reforçal-as.» Immediatamente os bravos defuntos empunharam as armas e sahiram correndo na direcção em que se empenhava a batalha.»

Escreve-nos o correspondente de *Careta* junto ao exercito francez :

«Assisti ao bello combate de artilharia travado na visinhança de La-Fère. Duas baterias allemãs abriram um terrivel canhoneio sobre uma bateria franceza, matando todos os artilheiros, menos um. Esse, manejando rapidamente todas as peças da bateria e disparando-as uma sobre outra, desmontou, canhão a canhão, as baterias allemãs, cujo chefe morreu, tendo recebido um estilhaço de granada que lhe arrancou a lingua e a queixada. Os allemães mandaram vir, então, o obuseiro 420 e deram um tiro que abalou a terra, encrespou as aguas do rio, desmontou os canhões francezes e arrancou do corpo a cabeça do artilheiro, a qual, rolando pela collina gritava : *Vive la France*. Vendo esse heroismo, o chefe allemão que tinha morrido abriu os olhos e disse : — Sepultem aquelle bravo com todas as honras ! Deu essa ordem, e depois continuou morto.»

Escreve-nos o correspondente de *Careta* junto ao exercito austro-hungaro :

«Este exercito tem soffrido espantosas derrotas, as quaes são attribuidas aos bons votos formulados pelo imperador Francisco José. Procura-se constituir uma commissão de officiaes que se incumba de fazer com que o velho soberano não se interesse pela sorte da guerra, pedindo-lhe para felicitar os russos, os montenegrinos e os servios.»

Escreve-nos o correspondente de *Careta* junto ao exercito montenegrino :

«O rei Nicoláo tem sido de uma dedicação extraordinaria. Sem se affastar dos seus habitos, o velho monarcha não mudou de saiote desde que se declarou a guerra. Parece que é sua intenção contribuir para a riqueza do seu paiz, legando-lhe um saiote que tenha o valor de ter sido usado durante toda a existencia de um rei.»

Villa Marechal Hermes

Exame de um terreno de que se desprende fumo, originando nos populares o temor de que se trate do apparecimento ou da formação de um vulcão

A Companhia Predial America do Sul inaugura a sua séde

UMA COMPANHIA QUE SE IMPÕE

DIRECTORIA. — Ao centro, assentados: Sr. Dr. Joaquim Felix da Silva Rocha, director-presidente; á direita, Sr. Jayme Leitão, director-secretario e á esquerda, Sr. Aristides Maia, director-thezoureiro. Em pé, ao centro: Sr. Arthur Duarte Ribeiro, e á esquerda, Sr. Alberto de Magalhães Junior, membros do conselho fiscal, e á direita, o Sr. Dr. Optato Carajurú, consultor juridico.

Com immensa concurrencia inaugurou-se no dia 20 do corrente, ás 2 horas da tarde, a Companhia Predial America do Sul, que está funccionando á rua da Quitanda n. 31, sobrado.

A directoria offereceu delicado *lunch* aos seus convidados e ao *champagne* o Sr. Dr. Joaquim Felix da Silva Rocha, director-presidente, fez a apresentação da Companhia, expondo com toda a clareza os seus fins e agradeceu o concurso das pessoas presentes, saudando a imprensa, brinde que foi respondido pelo Sr. João de Souza Laurindo, nosso prezado collega do *Correio da Manhã*, que felicitou a directoria, fazendo votos pelo desenvolvimento de tão importante Companhia.

Seguiu-se com a palavra o Sr. Dr. Saboia de Alencar que saudou a directoria constituida por cavalheiros conhecidos e honestos, que vão bem dirigir a nova Companhia pela estrada do progresso.

A Companhia Predial America do Sul tem por fim, entre outros, o de fornecer aos subscriptores de suas séries, quer seja por terminação do prazo o por amortização por sorte, predios e terrenos desde o valor minimo de 1:200$000, até o maximo de 10.000$000.

As séries são compostas de 500 socios cada uma, sujeitas ao pagamento mensal de 12$000, 25$000, 50$000 e 100$000 durante o prazo de 120 mezes ou menos se houver remissão por sorte.

Todas as séries concorrerão ao sorteio mensal, nas datas respectivas, com os numeros annotados nos respectivos contractos, sendo que si a terminação do primeiro premio maior da Loteria Nacional fôr egual á qualquer das duas centenas mencionadas, fica immediatamente liberada a referida inscripção e o contemplado com direito ao immovel conforme o seu contrato.

Aspecto da inauguração, onde se vê distinctas senhoras, senhoritas, cavalheiros, entre os quaes os seguintes: General Dr. Antonio Americo Pereira da Silva, Manoel Soares Fraissard, Antonio Leitão, Dr. Francisco Pereira da Silva, Dr. Rodoval de Freitas, Dr. Optato Carajurú, Aristides Maia, Jayme Leitão e o Dr. Aristides Saboia de Alencar e os representantes da imprensa.

BELGICA

Fugitivos no caminho de Bruxellas

15 pés abaixo da superficie do mar.

E' esse o motivo da efficiencia do submarino, que tão importante papel tem representado na actual guerra européa.

X.

FOLK-LORE

Eis emfim chegado o tempo
Venturoso (toca o hymno)
Em que a gente aqui no Rio
Já póde ser inquilino.

JOTA

Em *La Ferté Gaucher* emquanto os soldados allemães divertiam-se em alvejar as janellas das casas, alguns officiaes teutonicos conversavam tranquillos. Um destes, que parecia ser um homem polido, disse a uma dama franceza:

— Senhora, depois de amanhã, em Paris... *Bon champagne, petites parisienes.*

Nesse momento, porém, chegava uma divisão franceza, troou uma descarga e o bello official tombou com uma bala na testa.

A princeza de Saxonia Meiningem perdeu até agora na guerra: o sogro, um primo, um sobrinho, o esposo, principe Frederico, morto no ataque a Namur, e o filho, principe Ernesto, que pereceu no assalto a Maubeuge.

OS OLHOS DOS SUBMARINOS

Os submarinos a principio eram monstros terriveis mas cégos, o que constituia perigo maior para a sua tripulação do que para os inimigos. Tinham o defeito, o grande defeito de não poder ver o que se passava na superficie das aguas, uma vez mergulhados.

A invenção do periscopio alterou tudo isso, e deu ao submarino moderno um olho maravilhoso, por meio do qual pode observar a superficie do oceano, embora o seu corpo esteja abaixo das ondas.

O olho do submarino é um tubo recto e cilindrico, partindo da camara de commando e projectando-se acima da superficie das ondas, quando o navio está submergido

Como o periscopio tem apenas seis pollegadas de diametro, e só se projecta 18 pollegadas acima das ondas, é muito difficil de ser visto pelo inimigo. Seu comprimento total é de cerca de 15 pés.

O olho do submarino é realmente uma uma combinação do telescopio e da camara escura. No topo se acha uma poderosa lente, e no interior, a intervallos, está disposta uma série de espelhos que conduzem o reflexo de que está na superficie ao olhar do observador, que se acha a

BELGICA

As populações fugitivas estacionando ao longo dos caminhos

A criada obediente

O tratamento dos patrões pelos criados varia consideravelmente com os costumes, de um logar para outro, e com as classes sociaes. Nas classes burguezas mais proximas do povo, a intimidade se estabelece ás vezes completa entre ama e criada, que se tratam tu p'ra lá, tu p'ra cá. No interior entretanto, qualquer que seja a collocação social de uma senhora, o tratamento maximo que lhe dá a sua criada é a addição prévia de um *sa* ou *siá* ao nome. A senhora que se chamar Maria, ha de ser para a sua cozinheira: siá Maria. Nomes como Ida, Lina, dão na boca da criada sertaneja a seguinte combinação: saIda, saLina, etc.

Uma senhora de Botafogo, que recebeu na pia baptismal o nome de Filomena, vivia em luta continua por causa de criados. Parece que ainda não appareceu a familia que tenha resolvido satisfactoriamente o problema dos criados. Dona Filomena, então, era uma victima indefesa dessa classe. Cosinheira, especialmente, nunca encontrou uma que lhe agradasse. Um dia porém uma amiga que tinha o habito de veranear em Caxambú, prometteu de lá trazer-lhe uma cosinheira satisfactoria. E trouxe. Era uma mulata nova, asseiada, séria, e cujos dedos pareciam ter sido creados para fabricar pasteis e empadas. O tempero era irreprehensivel. Emfim uma cosinheira sem defeito, se é que existe realmente essa *avis rara*. Sem defeito, em rigor, não era, porque tinha ainda uma camada de provincianismo, espessa demais para deixar de chocar uma senhora de Botafogo, mundana, que recebia visitas de manicuras e massagistas, e era a elegancia em pessôa. A cosinheira chamava-lhe siá Filomena!

Em poucos dias a patrôa fel-a vestir-se com discreta correcção, calçar sapatos de salto, pentear-se convenientemente e pôr o avental branco, de uma alvura de arminho. Faltava apenas ensinar-lhe o tratamento conveniente. Para isso dirigiu-se a ella com bom modo, e disse-lhe:

— «Rosa, não me chame mais de «siá Filomena», porque é falta de respeito. Não se usa esse tratamento.»

— «Ah, eu não sabia...»

— «Pois aprenda. Quando você se dirigir a mim diga: «Minha senhora, ou simplesmente senhora, ou então mesmo Dona Filomena. Ouviu?»

— «Sim senhora», disse Rosa e retirou-se.

Isso foi de manhã. A' tarde desse mesmo dia havia visitas para jantar. A's sete horas estava a dona da casa esperando apenas o marido, para mandar servir a mesa, quando a Rosa chegou á porta da sala, com a cara desfeita:

— «Que é, Rosa? disse a patrôa, extranhando a presença da cosinheira.»

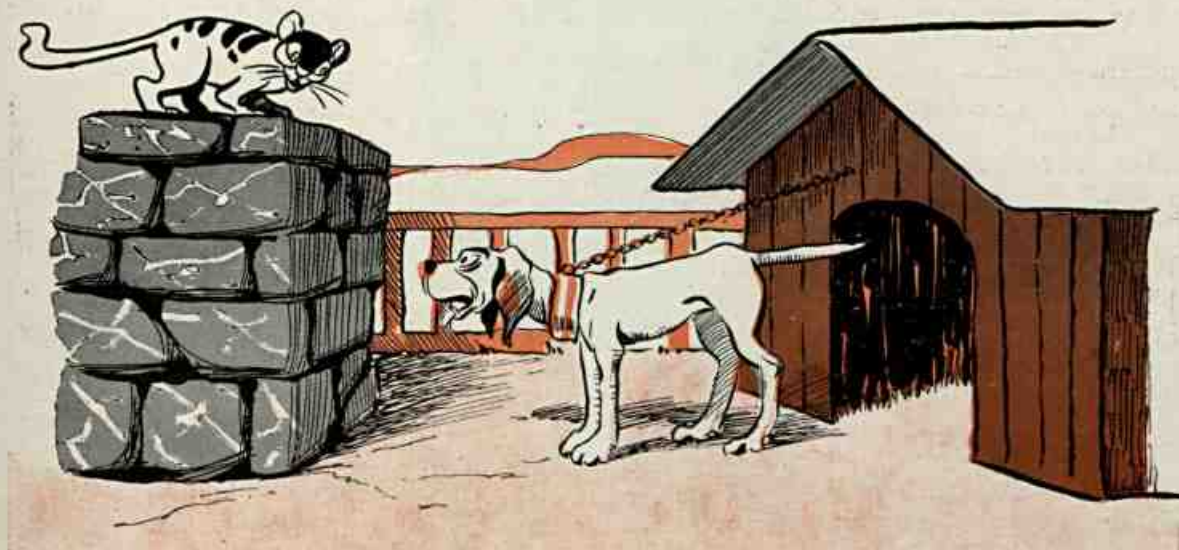
— «Minha senhora — respondeu ella — ou simplesmente senhora, ou então mesmo Dona Filomena, seu marido acaba de cahir debaixo do bonde.»

X.

FOLK-LORE

Descarada, a carestia
Se occulta atraz desta manha:
— E' a guerra, cavalheiro;
Tudo vinha da Allemanha...

JOTA

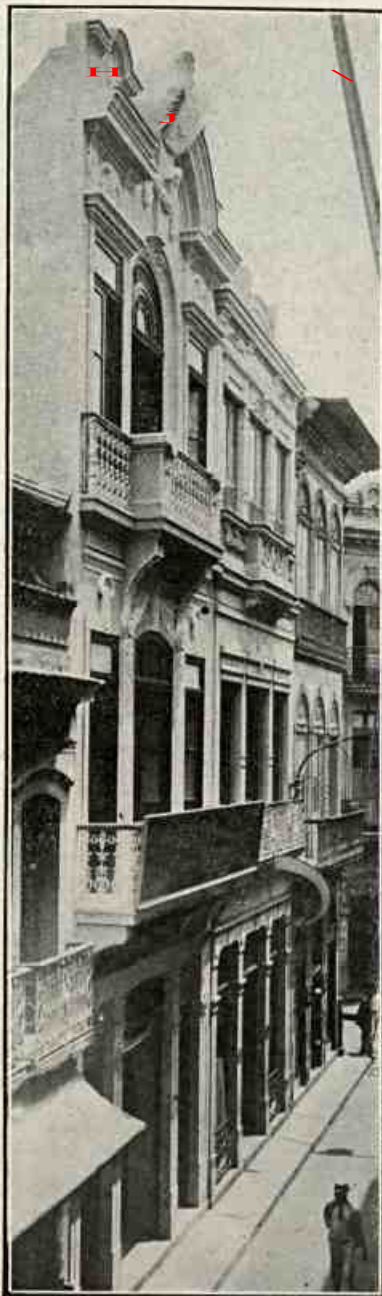
O FIEL

O GATO — Então... compadre molosso. Como passas com a crise?
O CÃO — Cada vez peor. Antigamente mandavam-me uns bons pedaços de *beef*. Hoje!... O' miseria pórca!... Mandam-me *carne para cachorro.*

Companhia de Seguros Terrestres União dos Proprietarios

A inauguração solemne da sua nova séde

A importante e tão acreditada Companhia de Seguros Terrestres União dos Proprietarios realisou no dia 15 do corrente mez com toda a solemnidade a inauguração do seu novo edificio, que foi construido, á rua da Quitanda n. 87. E' um elegante e solido predio de construcção moderna, obedecendo ao plano e direcção do conhecido constructor Luiz da Costa Souza.

A' essa solemnidade compareceram muitas senhoras, senhoritas, accionistas, cavalheiros e representantes da imprensa.

O Sr. Antonio Moreira da Costa, digno director secretario, depois de ter declarado inaugurada a nova séde da Companhia, que foi fundada em 1884, concedeu a palavra ao Sr. Dr. José Ribeiro Junior, que fez em bello discurso o historico da mesma Companhia, salientando o seu grande desenvolvimento e os auxilios pagos, bem como elevando os serviços que têm sido prestados pela sua honrada directoria, que é merecedora dos maiores encomios.

O elegante e confortavel predio da rua da Quitanda n. 87, de propriedade da Companhia de Seguros Terrestres União dos Proprietarios e onde é actualmente a sua nova séde.

O mesmo cavalheiro brindou a imprensa, brinde que foi respondido pelo Sr. João de Souza Laurindo, nosso illustre collega do *Correio da Manhã*.

A directoria de tão considerada Companhia offereceu aos seus convidados uma lauta mesa de iguarias e de finissimos doces, sendo ao *champagne* levantados diversos brindes á directoria, ao conselho fiscal, aos funccionarios da Companhia e á imprensa.

A DIRECTORIA DA COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES UNIÃO DOS PROPRIETARIOS

No centro, assentados: O Sr. Antonio Moreira da Costa, director-secretario e fundador da Companhia; á direita, Sr. Daniel Ferreira dos Santos, director-thezoureiro e presidente interino; á esquerda, Sr. Sebastião José de Oliveira, membro do conselho fiscal e servindo de director interino. Em pé: ao centro, Sr. José da Silva Figueiredo; á esquerda, Sr. Matheus Furtado Rodrigues e á direita, Sr. Manoel Joaquim Cerqueira, membros do conselho fiscal e o Sr. Gianlourenzo Schettino, supplente do mesmo conselho.

Escreve-nos o correspondente de *Careta* junto ao exercito inglez:

« As tropas inglezas não são notaveis somente pela bravura e espantam os alliados com a sua admiravel sobriedade. Os denodados filhos de Albion comem só o que é possivel fornecer-lhes no campo da batalha e nunca reclamam. Levam a sua honradez ao ponto de não se utilisarem para uso proprio dos uniformes dos soldados allemães que morrem ou são aprisionados. O general French, dando exemplo aos seus commandados, não tem feito uso de *rhum*, bebida que, aliás, não se encontra nos lugares em que operam os inglezes.»

O ministro da guerra o general Vespasiano de Albuquerque ministro do Supremo Tribunal Militar.

Em materia de bellezas e grandezas naturaes tinhamos tudo.

Tinhamos e temos o rio mais volumoso do planeta, os campos mais extensos, as terras mais fecundas, os montes que se avisinham dos mais altos, os penhascos mais poeticos, as selvas mais frondosas. Tinhamos tudo mas queriamos mais. O mais que queriamos era um vulcão, um pequeno vulcão que completasse a nossa opulencia geographica.

Temol-o agora. No esteril logarejo pelo nome do Marechal-Presidente a terra começou a deitar fumaça como se tivesse no sob-solo um acampamento de inglezes munidos de cachimbos.

Assim, o nosso orgulho nacional está satisfeito, temos, na Villa Marechal Hermes, o vulcão Hermes.

A amizade é como uma alma em dois corpos.

Escreve-nos o correspondente de *Careta* junto ao exercito russo:

« Os cossacos praticaram uma acção brilhantissima. Um regimento d'elles tendo sido cercado pelos flancos e pela frente, precipitou-se no lago que lhe cortava a rectaguarda. Quinze dias depois, quando todos o suppunham perdido, o heroico regimento sahio pela outra margem do lago. Querendo premiar essa façanha, o Tzar dispensou da chibata os cossacos que tinham commettido depredações durante a travessia submarina e mandou dar um cachimbo a cada um dos outros.»

As sciencias têm raizes amargas, porém os seus fructos são doces.

BELGICA

Dinant, sobre o Mósa, a cidade que foi destruida pelos allemães, depois da batalha de que foi theatro.

CONSTANTINOPLA, 23 (Directo.)

Foi ordenado a desmobilisação do exercito por falta de arame.

PARIS, 23, á tarde (A. Mericana.)

A grande batalha continúa. Grandes progressos na ala direita, parecendo que o avanço desde o principio do mez attingiu a 3 palmos e uma pollegada; no outro centro tem havido varios ataques e contra-ataques sem resultado sensivel; o movimento envolvente operado pela ala esquerda prolonga-se agora por dentro d'agua com o auxilio de varias embarcações para esse fim especialmente fretadas.

CAP-TOWN, 23 (Agencia Ovas.)

O coronel Maritz foi aprisionado pelos Zulús e comido vivo.

Telegrammas da guerra

PETROGRAD, 23 (Agencia Ovas.)

As tropas russas reppelliram o ataque allemão a Varsovia inflingindo perdas enormes aos atacantes, computadas em 600.000 soldados, 2.000 canhões, 300 automoveis, 600 ambulancias completas, 80 baterias de cosinha e a frasqueira do general Hindemburgo onde se achavam cerca de 3.000 garrafas de champagne naturalmente abafadas pelas tropas que invadiram a França. Espera-se que até o fim de 1915 os russos iniciem a invasão da Silesia.

CAP-TOWN, 23 (A. Mericana.)

O coronel Maritz prosegue victoriosamente a sua marcha contra Chandernagor depois de haver tomado Bloenfontein, Seringapatan e Porto das Caixas.

CONSTANTINOPLA, 23 (A. Mericana.)

Euver Pachá passou hontem em revista as tropas ottomanas em numero de 500.000 homens que se declararam promptos a partir para a defesa de Tsing-Táo no mar Adriatico. Reina grande enthusiasmo entre os jovens turcos. Os velhos turcos tambem têm rajadas de enthusiasmo uma vez por outra.

FOLK-LORE

E por que não? Esta idéa
O craneo ás vezes me vara:
Quem sabe si essa Lili
Teve o mesmo algoz que a Sara?

JOTA

A GUERRA NO AR E NO SÓLO

O movimento de um corpo de exercito de 250.000 homens, na fronteira allemã de Liège, observado de um aeroplano.

O Bello horrivel

Esta estranha mulher, que causa medo
Se me olha é, no entanto, irresistivel!
Que profundo psichologo o segredo
Desvendará dessa attracção terrivel?

Dizem que quem a viu, mais tarde ou cedo,
Dos seus caprichos ha de pôr-se ao nivel.
Magia, phyltro, talisman, bruxedo,
Algo ella tem no olhar, incomprehensivel!

Ao vel-a, eu que amo o encanto da belleza,
Tremi de horror do seu perfil satanico,
Mas logo a amei, com pasmo e com surpreza!

Lutei debalde, entre a paixão e o panico
Mas nada poude a minha fortaleza
Contra o canhão «42» germanico!...

D. Xiquote

Os ratos na ilha de Java dão aos agricultores o prejuizo equivalente a um vigesimo das plantações da canna de assucar.

Os nossos mercadores

Em uma pequena sapataria entra indignado um freguez:

— Que diabo de sapatos o senhor me vendeu hontem? Olhe aqui como estão. A sola quasi que se desprega.

— O senhor andou com elle?

— Mas naturalmente.

— Pois meu caro senhor então a culpa é sua. Esse calçado é só para andar de automovel diz com altaneria o sapateiro.

O barometro foi inventado em 1643.

O QUINTETTO DESEMBESTOU

— O' garçon!... Esse quintetto está hoje muito desafinado.
— E'... seu doutor... O patrão tambem já notou mas... o regente é allemão, o primeiro violino é francez, o segundo é belga, a flauta é hungara e o rabecão é russo...

Uma idéa

Não ha quem não conheça a celebre expressão — p'ra burro.

Houve mesmo um tempo em que se usou e abusou da referida expressão, pois era muito commum ouvir-se : andei p'ra burro ; estudei p'ra burro ; jantei p'ra burro, etc, etc.

Hoje, graças a Deus, usa-se mas não se abusa d'ella. Seria, portanto demasiada pretenção querer-se extirpal-a do uso da nossa lingua, onde já conseguio firmar sua reputação.

Ora, ella não póde ser empregada em certos casos ou em presença de determinadas pessoas.

Se obedecermos ao popular rifão : em casa de ladrão, se não falla em furto ; eis ahi um caso em que se não n'a emprega.

Por exemplo, na presença de uma pessoa que não prima pela sua intelligencia, devemos evital-a.

Felizmente, aqui, na terra de Santa-Cruz, é raro encontrar-se uma pessoa nestas condições.

Como não podemos, porém saber se a pessoa com quem fallamos (salvo se já tivermos prosado um pouco), é intelligente ou não, é bom, em caso de desconfiança da capacidade intellectual do individuo, evitar o mais possivel, tal expressão.

Entretanto, em determinados casos não podemos d'ella prescindir, a menos que não arranjemos uma substituta para ella.

Não seria difficil, esta empreza.

Assim, hontem no bond do Leme, ouvi uma linda mocinha, referindo-se a um baile onde dansára muito, dizer : dansei p'ra gato.

Esta nova expressão, se já não tem sua reputação firmada, pelo menos, é mais suave e póde ser empregada sem risco de correr graves perigos.

Nota. A nova expressão, como acima se vê, não é minha. O meu trabalho, foi, apenas, mostrar a vantagem da segunda á primeira.

COLOMBO

O exercito do general Alberico ainda não entrou em contacto com os monarchistas do principe Dom Luiz de Taquarusssú.

Ha, no Rio de Janeiro, uma senhora que está em condições dolorosas. E' da Alsacia e tem seis irmãos. Os tres mais velhos alistaram-se no exercito francez, os tres mais novos foram incorporados ao exercito allemão.

GUERRA DE PRIMOS

A actual guerra européa, considerada do ponto de vista dos soberanos dos paizes em luta, pode, entre as outras denominações que lhe têm sido dadas, receber mais a de «guerra de primos.» O rei Jorge de Inglaterra, o seu alliado o tsar da Russia e seu inimigo o kaiser são todos primos em primeiro grão. E o rei dos belgas em um outro sentido é tambem seu primo.

O parentesco do kaiser com o rei da Inglaterra provém do facto de que sua mãe era a princeza real, filha mais velha da rainha Victoria. Sendo o rei Jorge V filho de Eduardo VII, elle e o kaiser são primos irmãos. Se a rainha Victoria fosse viva, estaria hoje em guerra com seu neto Guilherme.

A mãi do tsar era a princeza Dagmar de Dinamarca, irmã da rainha Alexandra, mãi de Iorge V. O tsar e Jorge V são primos irmãos. O casamento do tsar Nicolau com a princeza Alice de Hesse, neta da rainha Victoria, tornou-o primo por affinidade do kaiser.

O rei Alberto, por sua vez, descende de Leopoldo I, primitivo principe de Saxe Coburgo e Gotha, tio da rainha Victoria e do principe consorte.

Eis ahi porque essa temeraria conflagração pode receber com propriedade o nome de guerra ou briga de primos, o que, é preciso reconhecer, é muito mais sério do que a classica briga de comadres.

X.

BOTUCATÚ

Pic-nic do Club 24 de Maio

A EXHIBIÇÃO

A exhibição é uma manifestação mui toleravel, e, ás vezes necessaria.

Haja visto por exemplo a de um alumno no exame, em que tem de lançar mão della, a menos que não queira ser reprovado.

Não quero me referir á esta cathogoria de exhibição. Refiro-me á extemporanea, que é, sem duvida, uma das peiores qualidades que um individuo póde possuir.

Esta mesma ainda se póde tolerar, com um pouco de paciencia.

O peior é quando ella é além de fóra de tempo, impregnada de asneiras.

Conheci um individuo, que possuia esta ultima qualidade.

Discorria desembaraçadamente sobre qualquer assumpto, por mais difficil que lhe parecesse.

Fallava, para ter o prazer de soltar qualquer termo que lhe parecesse bonito empregar.

Não perdia uma vasa.

Um bello dia, tomei, como de costume, um bonde — Praça 15.

Assentei-me no banco em que se achava o meu illustre amigo.

Para não fazer todo o percurso em silencio, lancei mão d'um recurso, que muita gente bôa usa.

Que calor ! disse eu.

Esperava que elle respondesse : está fazendo muito, ou outra phrase identica, como quasi sempre acontece em casos taes.

Puro engano.

O nosso amigo encontrou na minha phrase uma bella occasião de se exhibir.

Está horroroso, respondeu elle. Não me impede porém de ir a um cinema, assistir uma fita sobre a conflagração européa.

Não se deve perder esta fita de hoje... é uma verdadeira apotheose... (o resto não tive o prazer de ouvir porque, dormi, apezar dos grandes esforços que fiz para dominar essa minha tendencia.

Acordei quasi no ponto em que tinha de apeiar.

Tentei novamente romper o silencio.

Como vae o seu primo — disse eu levantando-me para dar signal de parada.

Ah ! disse elle um pouco afobado com a minha sahida, está muito mal.

O medico que o examinou, chegou mesmo a declarar que, o... o... (repetiu elle, com receio de perder a vasa para empregar um termo que aprendera na vespera)... o ... é máu.

Ah ! o nosso amigo... isto é, do rapaz já referido.

Colombo

GUARANESIA
INCOMPARAVEL
NAS
DOENÇAS
DE
ESTOMAGO
INTESTINOS
E CORAÇÃO
PODEROSO ALCALINO
TONICO
E FORTIFICANTE
A VENDA
EM
TODAS AS
PHARMACIAS
E
DROGARIAS
DEPOSITO GERAL
CAMPOS & HEITOR
35 Rua Uruguyana 35
RIO

O soneto que se vae ler abaixo sahiu publicado em uma revista desta Capital e em seguida appareceu transcripto na parte ineditorial do *Jornal do Commercio*.

Já isso era um signal de agrado. Evidentemente só um sincero admirador do poeta Sr. Carlos de Magalhães faria o sacrificio dessa nova edição da peça nas carissimas columnas pagas do velho orgão. Foi um significativo gesto de admiração pelo afortunado bardo.

Não ficou porém ahi o agrado que a joia causou. Traduzido immediatamente para diversos idiomas, a louçan poesia do mavioso Sr. Carlos de Magalhães está sendo agora divulgada mesmo entre as pessoas que ignoram a lingua portugueza.

Graças a gentilissima collaboração espontanea podemos hoje brindar os leitores de *Careta* com a traducção franceza, ao lado da qual inserimos o soneto original. As outras versões virão a seu tempo. Eis os dois mimos:

NATHAYL

Quando eu a conheci resplandia de viço !
Vivia na opulencia e cercada de affectos
Saltitando feliz dentro dos patrios tectos
Qual gracil borboleta em volta de um chaumiço.

Era moça e louçã ; tinha, talvez, por isso,
«Alas» e «cortezàos» de todos os aspectos...
Que gentis á porfia attentos e correctos
Procuravam cumprir uma ordem, um serviço !...

Um dia uma desdita o lar lhe assalta e invade,
E de chofre a seguir mais duas, sem piedade
A série vem formar de sua desventura :

Perde a fortuna o Pai, e mata-se em seguida ;
Ella entisica após e, quasi já sem vida,
Apenas... póde vêr de um medico — a alma pura !

Carlos de Magalhães

NATHAYL

(Traduction de l'auteur)

Quand moi l'avait connu, resplandissait de vice !
Vivait dans l'opulence et tourné des affectes
Sautillan bienheureuse au dessus de ses tectes,
— Un gracieux papillon au redour d'un chaumice.

Etait jeune et vaisselle : et peut-etre pour isse,
«Ailes» et «courtisans» de plusiers aspectes...
Gentils, faisait question, éveillés et correctes,
Recherchand accomplir des ordes, des services !...

Mais un jour un malheur son âtre a assaillé,
Et, brusquement, plus deux, a suivre, sans pitié,
La série vien former de sa malaventure ;

Perd tout l'argent le Pere et de la vie se livre ;
Elle emphthisique a poudre et, en laissant de vivre,
A peine... a pu voir d'un docteur l'ame pure.

Charles de Magalhãens

EPHEMERIDES

1825. Domingo, 18. — A Inglaterra reconhece a independencia do Brazil.

Oh! John Bull estar sempre nossa amiga; mas negocias a parte...

1894. Segunda-feira, 19. — Inauguram-se os trabalhos da E. F. de Porto Novo a Rio Pardo, Minas.

O nosso paiz é essencialmente inaugurativo. Já uma vez se inauguraram solemnemente as obras de reparação de um sobrado em que funccionava uma repartição publica.

1890. Quinta-feira, 22. — Parte do Rio uma esquadra, afim de saudar os Estados Unidos.

Parece que foi nessa esquadra que veio o micro-bio pathogenico da constituição americana.

1893. Sexta-feira, 23. — O governo dos Estados Unidos reconhece os direitos do Brazil na questão das Missões.

Por fallar nisso: que é feito daquelle territorio?

1898. Sabbado, 24. — E' regulamentada a concessão de agua potavel na Capital Federal.

Por isso é que a gente custa a obtel-a, não só potavel mas até mesmo moringavel.

F. HÉMERO

Os sete dormentes

A seguinte historia dos sete dormentes encontra-se em uma das Lendas da Egreja :

«Durante a perseguição movida pelo imperador Decio aos christãos, sete nobres mancebos de Epheso se fôram esconder em uma caverna espaçosa na encosta de uma alta montanha ; mas sendo alli descobertos, o tyranno os sentenciou a terem por sepultura o mesmo asylo que haviam buscado ; e para isso mandou tapar de pedra e cal a abertura da caverna. Os mancebos assim enterrados, immediatamente cahiram em um profundo somno, que se prolongou milagrosamente, sem prejuizo algum de suas saudes, por espaço de 187 annos. No fim d'esse tempo os escravos de Adolos, a quem havia tocado por herança a montanha onde estava a caverna, desfizeram a parede para com as pedras fazerem uma nova construcção : penetrou a luz na caverna, e foi assim permittido que acordassem os sete dormentes. Despertando de um somno que elles julgaram ter sido de poucas horas, sentiram fome, e resolveram que um d'elles, de nome Jamblico, fosse em segredo á cidade e trouxesse pão. Jamblico, indo ao desempenho da incumbencia, não poude reconhecer aquellas ruas que outr'ora lhe eram tão familiares, e a sua admiração augmentou sobremaneira encontrando uma grande cruz erigida em triumpho sobre a porta de um dos principaes edificios da cidade. O padeiro em cuja casa entrou Jamplico, admirado, pela sua parte, do extranho feitio do seu vestuario e de sua antiquada linguagem, ficou ainda mais confundido quando elle lhe offereceu em pagamento da compra uma antiga moeda do imperador Decio, como se fôra moeda corrente ; e, suspeitando que o mancebo tivesse encontrado algum thezouro escondido, o levou, em obediencia ás leis, perante o magistrado. As indagações que este fez, produziram a incrivel descoberta de que eram passados quasi dois seculos desde que Jamblico e os seis companheiros haviam escapado á raiva do perseguidor dos christãos. O bispo de Epheso, o clero, os magistados, o povo, e diz-se mesmo que o proprio imperador Theodosio, fôram visitar a caverna dos sete dormentes, que então narraram a sua historia ; e tendo abençoado todos os circumstantes, se finaram pacificamente no mesmo dia.»

Como eram dotados de imaginação para as potócas os antigos chronistas do christianismo !

LIMOGES

SERVIÇOS COMPLETOS DE PORCELLANA GRANDE LUXO!

SERVIÇOS COMPLETOS DE PORCELLANA DE LIMOGES

DESCRIPÇÃO DAS PEÇAS

48 pratos rasos
24 » fundos
24 » de sobremeza
3 » cobertos
2 » ovaes de 9 polleg.
1 » oval » 1 »
1 » » » 12 »
1 » » » 14 »
1 » » » 16 »
1 » fundo » 8 »
1 » » » 9 »

1 prato redondo de 11 polleg.
1 » para peixe
2 compoteiras
2 conchas para pikles
2 fruteiras com pé
1 sopeira oval
1 molheira oval coberta
1 » » com prato
1 saladeira
1 mostardeira oval

TOTAL 120 PEÇAS PARA 12 PESSOAS

NO VALOR DE 1:500$000

MODELOS E CÔRES DIFFERENTES

10$000 SEMANAES

CLUBS CASA STANDARD